

Teresita Ana Milán*

O bom senso do bom humor

Em um contexto sociocultural sedento de diálogo e de comunicação, o bom humor desperta uma automática empatia, uma emoção capaz de diluir a rígida seriedade e o efeito anestesiante do anonimato, a indiferença e o extremo individualismo.

As palavras que veiculam o humor podem chegar a dissolver o espasmo do poder tecnológico das telas, aspecto que observei em pacientes adolescentes que no início do tratamento mantinham uma conversa de estilo telegráfico, mas mais tarde acrescentavam conteúdos que nos faziam rir mutuamente.

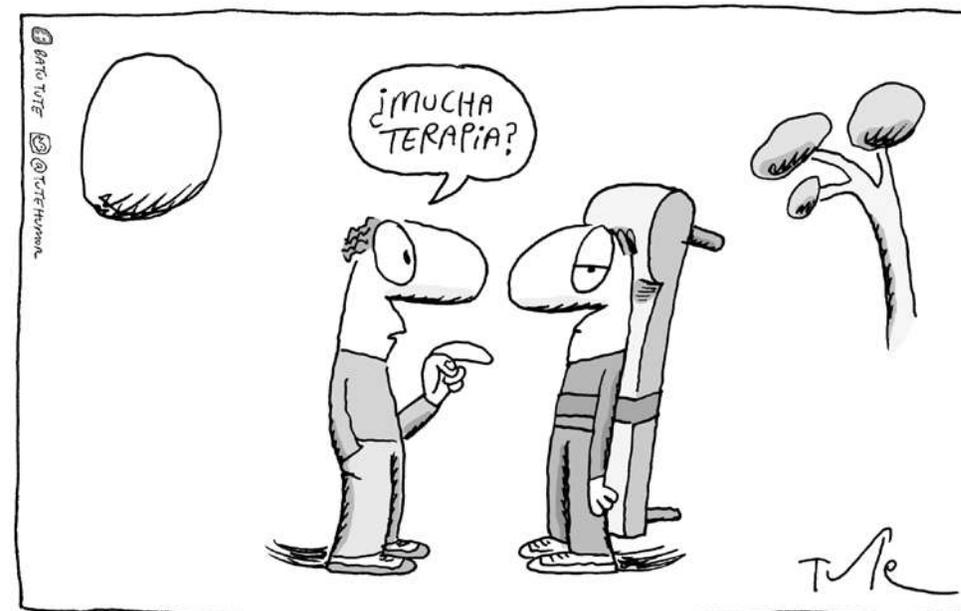
Na Argentina, certos humoristas (Palacios, Fontanarrosa, Quino, Rep) marcaram a vida cotidiana, e seus personagens se incorporaram como parentes nas famílias. Suas histórias, com frequência, se escutam nos consultórios para facilitar a transmissão e a compreensão do que luta por escapar. O tango e a tradição poética combinam uma rica mistura diversificada pelo humor característico das diferentes regiões do país e são para nós, analistas, um “ás na manga” que pode melhorar uma posição no jogo analítico.

Em uma sessão, a irrupção do chiste indica que algo está ocorrendo no binômio analista-analisado; trata-se de uma situação dinâmica que anuncia que a análise não é estática. Para cada um, abre-se uma oportunidade de saber mais

sobre quem é quem, quando se encontram em uma sessão. A resposta do analista pode esclarecer ao paciente que entende o modo pelo qual ele está se manifestando, e por sua vez lhe é dada uma oportunidade de se reconhecer. Sem dúvidas, o recurso do humor integra a caixa de ferramentas em nosso ofício de psicanalistas.

Um paciente traz uma tira cômica do personagem Gaspar, o revolucionário dos anos setenta do desenhista e humorista gráfico Rep. No desenho Gaspar diz, deitado sobre o divã: “Eu sei que para a senhora, como psicóloga, não vai lhe cair muito bem o que vou dizer, doutora... Vou deixar a terapia, doutora”. Ao que a analista pergunta: “Mas... por quê?”. E o paciente continua: “Lamento muito. Acho que nestes tempos a solução já não é dada pela psicanálise. Já provei anos com o racional, agora chegou a hora de outras ciências, menos racionais, talvez”. E a analista pergunta: “Tem certeza, Gaspar?”. E ele diz: “Muita. O que lhe parece o I Ching e o Tarô?”. Ao que a analista responde: “São minhas fortes especialidades. Que acha da sexta a esta hora?”. “OK, doutora. Ou devo lhe dizer”. “Astrid”, responde a analista. (Rep, 29 de junho de 1993, p. 32).

Em uma entrevista realizada com Rep, o jornalista Esteban Peicovich (30 de setembro de 2001) lhe indaga porque Freud fracassa



com Gaspar, já que ele vive indo ao divã sem conseguir mudar nada, ao que o humorista responde: “Porque está na cadeia produtiva, sente-se um perdedor, não pode fazer nada e está cheio de medos. Medo ao medo[...]. A vida passa por ele e ele não chega a tomar nenhuma decisão, nem ao menos deixar a terapia” (par. 23).

Meses depois, o paciente deixa de comparecer às sessões e me presenteia um livro, *Qui-noterapia*, escrito pelo humorista de Mendoza, Quino (1985/1989), com seis páginas alusivas à psicanálise. Em ambos os materiais gráficos lê-se nas entrelinhas que não encontrou o que procurava na análise.

Outro paciente ingressa ao consultório, me faz um elogio em tom gracioso e se senta no divã; sorrindo, fica frente a frente comigo. Montou uma cena para dissipar a tensão do encontro face a face, antes de se estender no divã. O que lhe incomodava era ficar frente a sua própria vida e ao conflito que o acometia. Usou a paró-

dia para diminuir um sentimento desagradável que o encontrava desvalido para enfrentá-lo, para não começar falando daquilo que o preocupava. Apelou para a ironia para me divertir e me distrair, em uma atitude sedutora para distender o enquadre. Aqui o efeito do cômico é a descarga da tensão na busca de igualar e apagar a relação de assimetria analítica. Não tentei dissimular que sua atitude me gerou simpatia e de nenhuma maneira me propus censurá-lo; tentei lhe dar a entender que essa era sua maneira de entrar na sessão para mudar o clima do ambiente, o que Freud (1905/1986) postula como proteção frente a situações reais que provocariam afetos penosos.

Uma outra vez trouxe-me um pacote de bolachas e me perguntou com malícia e me chamando de você pela primeira vez: “Leite achocolatado, você não tem?”, ao que lhe respondi sorrindo que, dessa forma, ele me propunha mudar a sessão para participarmos juntos do lanche, o que constituía outra forma de buscar atalhos e fazer rodeios para romper o

* Grupo de Estudio Psicoanalítico San Luis (Argentina).

Sonia Eva Tucherman*

Setting bem-humorado

O convite ao mergulho na turbulência do vórtice remete, imediatamente, à perturbação, à desordem, aos elementos presentes no Humor que, por sua vez, é indisciplinado e transgressor per se. A introdução de tal ingrediente na relação analítica já foi considerada, no passado, transgressão no *setting* psicanalítico. Felizmente, estamos há algum tempo em outros tempos. Abstinência, neutralidade, *setting* vêm sendo redesenhados em traços e cores contemporâneos. Inflexibilidade foi, aos poucos, dando lugar ao espírito questionador, reflexivo, libertador e fiel ao destino original da psicanálise, e assim, chegamos aonde Freud queria nos levar. Psicanálise e humor estão costurados com fio consistente, inquebrantável.

Relato aqui uma vinheta clínica que poderá me auxiliar na transmissão de um ponto de vista sobre a relevância do senso de humor no processo psicanalítico pelo que representa na história de vida primitiva do sujeito.

Lara é dona de boutique e não alcança o sucesso almejado. Segundo ela, os motivos do fracasso se devem ao “azar que lhe persegue”. É atormentada pela inveja dos que têm “sorte na vida”; lista nomes de pessoas que considera privilegiadas contabilizando os rendimentos alheios. Fantasias sobre mim e sentimentos experimentados são evidentes e já foram foco de conversas entre nós, porém, facilmente se

estabelece um clima persecutório que obriga a reorientar a conversa. Um dia, Lara se estendia na descrição dos lucros do marido e pensei em lhe contar uma história:

Jacó e Isac moravam em uma aldeia e ambos eram donos de sapatarias, uma loja vizinha da outra. Jacó ia bem em seu comércio enquanto Isaque afundava em prejuízos. Isac foi então procurar o rabino para que o aconselhasse e lhe contou:

–Veja como são as coisas, rabino. Fico na porta prestando atenção na loja do Jacó e noto que a cada hora entram cinco fregueses; de cada cinco, três compram sapatos; destes três, dois pagam a prazo e, quando voltam para pagar, a metade compra mais um par. Enquanto isso, na minha loja não entra ninguém.

O rabino diz então para Isac:

–É muito fácil entender esse problema. Há duas pessoas tomando conta da loja do Jacó, ele e você. E da sua loja não tem ninguém tomando conta.

Lara dá um leve sorriso – desarmado de defesas e com nuance de tristeza, com as tintas do humor descrito por Freud em *O humor* (1927/1974) – e, após um breve silêncio, comenta que entendeu o recado abrindo uma porta que se mantinha defensivamente lacrada.

Esta vinheta tem a presença do senso de humor na intervenção analítica promovendo uma facilitação da conversa analítica no encontro da dupla, pois parece amortecer o impacto que a interpretação provoca na estrutura da personalidade do paciente. No entanto, o

enquadre e me tirar do lugar de analista. Freud (1905/1986) descobre no humor um *processo alto*¹ (p. 221) independente de propósitos conscientes, tanto em quem o gera como em quem o recebe. Associo o termo *achocolatado* com a expressão “dar la lata”², ou seja, ser inoportuno, e neste caso para se esquivar de se analisar. Esse jogo de palavras me dava a entender que, inclusive quando queria se aproximar de mim, lhe era difícil. Assim, tentava me distrair ao mesmo tempo que me envolvia. Tecnicamente, me propôs o interrogante de como intervir para sair de uma situação fática e atender ao mais interno, sua vulnerabilidade, para que ele pudesse ter uma visão própria do que estava ocorrendo e, ao mesmo tempo, do que estava se esquivando. Como bem dizia Bion (1975/1992), “a preocupação do paciente consiste em procurar ter uma análise sem sofrimento”³ (p. 45).

Ao buscar exemplos de situações clínicas nas que utilizei o humor, surgiam, em primeiro lugar, situações com conteúdos sexuais. Será que a sexualidade ainda continua sendo algo espinhoso para tratar “a sério”? Mediado pelo humor, pode se dizer o que incomoda e o analista pode interpretar o material que subjaz.

P: Bom, eu sou lenta, sempre fui, mas ele agora....

A: Ele agora, o quê?

P: E... Às vezes não arranca...

A: Será questão de pilha...

P: *Ha, ha!* Uma pilha de anos!

A: Bardahaaal! [Digo acentuando o som tal como soava um jingle publicitário que promovia um aditivo otimizador e energizante para o motor dos automóveis].

P: [Ri com vontade]. Será preciso recarregar a pilha com uma de longa duração! *Ha, ha!*

A uma outra paciente, que expressava sua angústia por sua escassa experiência sexual e que se queixava de sua situação em comparação com a de suas amigas, eu disse: “Você não será Catarina A Grande, mas também não é a Virgem

Maria! ”. Riu, enquanto se debatia em uma ambiguidade de ansiar uma vida erótica profusa, ainda que a horrorizava só de pensar porque era portadora de frustrações e sofrimentos relacionados com situações infantis traumáticas.

Para essa mesma paciente, que em outra oportunidade, reiterava sobre o mesmo assunto, narrei um conto que no final dizia: “Será normal para você, que é médico em Madri, mas não para mim, que sou bispo de Pamplona”.

Em psicanálise o bom senso é o que não contradiz que “ao pão, pão, e ao queijo, queijo”.

Referências

Bion, W. R. (1992). Brasília. Em F. Bion (comp.), *Seminários clínicos y cuatro textos* (pp. 41-45). Buenos Aires: Lugar. (Trabalho original publicado em 1975).

Freud, S. (1986). El chiste y su relación con el inconciente. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 8). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Peicovich, E. (30 de setembro de 2001). REP: La utopía de un niño emperrado. *La Nación*. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/rep-la-utopia-de-un-nino-emperrado-nid212489/>

Quino (1989). *Quinoterapia*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor. (Trabalho original publicado em 1985).

Rep (29 de junho de 1993). Gaspar, el revolú [tira cômica]. *Página 12*, 32.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 153 de: Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/VaDIaPT>

2. N. do T.: Expressão que significa importunar.

3. N. do T.: Tradução livre.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.